

PCTR0154

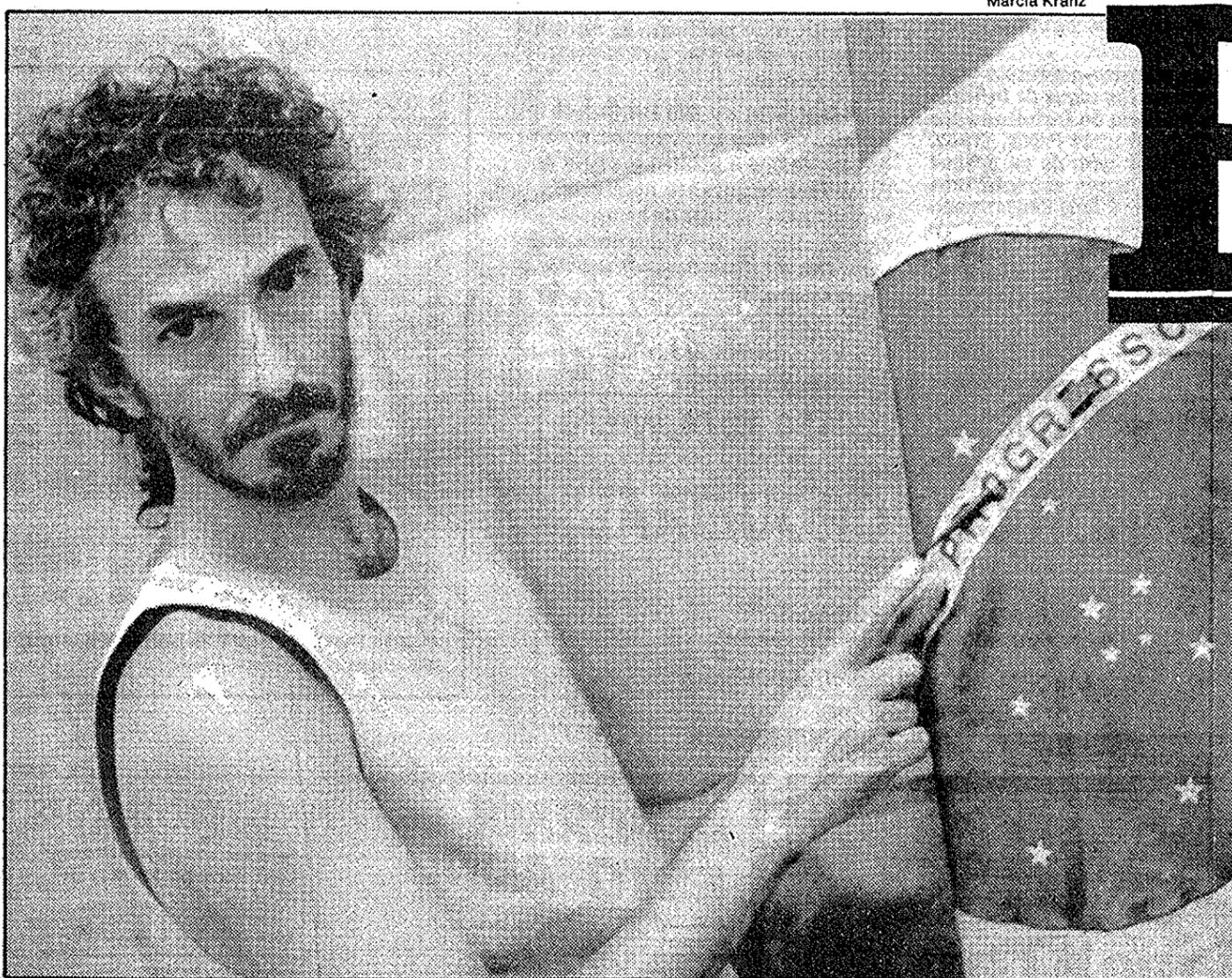
JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro -- Terça-feira, 6 de março de 1990

Das selvas para a arte

Armadilhas indígenas são tema de criação em mostra da Funarte

Marcia Kranz



Na bandeira brasileira de Bene Fonteles, um espinho atravessa o progresso que os índios não querem

Cleusa Maria

ESTREPES de mais ou menos um palmo, feitos de mogno ou cedro e afiados com dentes de cotia, utilizados pelos índios do vale do Guaporé para defender suas estradas da invasão dos madeireiros, ganharam um novo sentido na mostra *Armadilhas indígenas*. São objeto de criação para 45 artistas que ocupam as quatro galerias da Funarte, a partir de quinta-feira. A exposição, que reúne nomes como os de Tomie Ohtake, Iberê Camargo, Guto Lacaz, Ruben Valentin, Lygia Pape, está sendo promovida pelo Movimento Nacional de Artistas pela Natureza. Em versão menor — com apenas 20 participantes — foi grande sucesso no MASP, do final de janeiro a meados de fevereiro. Apesar de dedicada a uma causa explícita, a luta da União das Nações Indígenas presidida por Ailton Krenak, é indiscutível o valor estético da mostra. “Esta exposição alia, como poucas vezes vi, a inventividade e a denúncia”, constata o coordenador do movimento e curador da mostra, Bene Fonteles.

Mas é impossível desentrelaçar os aspectos ecológico e estético que envolvem as 45 obras. Embora nem todos os participantes sejam tão ativos na causa, como são, por exemplo, Siron Franco, Athos Bulcão, Xico Chaves, o curador Bene Fonteles espera que a partir de *Armadilhas* todos se tornem mais conscientes. “A questão interessante da mostra é que ela gera uma provocação para os artistas. Eles tiveram de sair de seu processo de criação para entrar em outra viagem. Isso provoca o público e a mídia”, diz ele. Bene Fonteles, 37 anos, é artista plástico há 20 e criador do movimento em 1986 (foi lançado oficialmente na bienal paulista de 87). Ele recebeu uma caixa de papelão, enviada pela Associação Ecoporé (Rondonia), contendo 30 armadilhas, oito delas envenenadas com curare.

“Quando vi os estrepes fiquei super-comovido. Eles são usados como armas na guerrilha dos índios contra os caminhões que invadem suas terras para apanhar madeira.” Os criadores dos estrepes pertencem a uma tribo que jamais teve contato com o branco, apesar dos 15 anos de tentativa da Funai. “Estes índios só foram vistos ao longe por algumas pessoas. São altos — pelas redes e arcos encontrados, deduz-se que tenham dois metros de altura — e possuem cabelos longos. Dizem que são belíssimos e que poderiam per-

tencer à família dos Aua-auas, remanescentes da fronteira com a Venezuela”, conta Bene Fonteles. Com a invasão da reserva biológica do vale do Guaporé, por madeireiros que já derrubaram mais de 40.000 árvores, a tribo reagiu com a guerrilha. “Os índios enterram os estrepes no chão, deixando 5cm fora da terra. Formam fileiras, espalhadas pela florestas e recobertas com folhas”, completa o curador da mostra, que tão logo recebeu as armadilhas teve a idéia de usá-las como tema de uma exposição.

Várias delas foram enviadas aos artistas plásticos, para que cada um criasse o que bem entendesse. Tanto poderia ser uma obra explícita quanto abstrata. “Muitos aceitaram sem ver sequer os estrepes”, diz Fonteles. Siron Franco, por exemplo, criou um objeto, *Aquarela do Brasil*. É formado por uma caixa de aquarela, dentro da qual o artista inseriu uma das armadilhas envenenadas (todos os estrepes com veneno serão protegidos para segurança do público), uma bala de fuzil e cápsulas de remédio, reproduzindo desenhos indígenas. O pintor e escultor Luis Hermano preferiu um pneu em arame, tecido e cola, no qual se destacam três armadilhas. Tomie Ohtake fez uma pintura — acrílico sobre tela — onde se vê um céu em azul forte e a presença desafiadora de um espinho gigante.

A pintora Marlene Almeida, da Paraíba, pintou uma tela e acrescentou estrepes que ela própria fez em madeira e tinta dourada. Celeida Tostes, do Rio, criou quatro placas em cerâmica e 50 armadilhas de chumbo. O próprio Bene Fonteles utilizou lona envelhecida pelo tempo, sobre a qual aparece uma bandeira do Brasil. A armadilha atravessa a palavra *progresso*. “Os índios não querem este progresso que está aí, nem este que está a caminho com o novo governo. Querem que seja respeitada a ordem do universo: o equilíbrio e a harmonia”, defende Bene com conhecimento de causa.

Nascido no Pará, junto a uma tribo Caeté, ele é o único pagé branco do Brasil (“Fui iniciado em várias tribos), já morou em sete Estados diferentes (“Prefiro viver este país que viajar para o exterior”) e é voluntário da União das Nações Indígenas: “Dou a vida para isso. Minha tarefa atual é levar a exposição adiante”, diz. *Armadilhas indígenas*, que pode ser vista até o dia 4 de abril, viajará até 1992. Encerrada a temporada da Funarte vai para Brasília, Londres e, provavelmente, Estados Unidos. Depois, as armadilhas voltam às mãos dos artistas que as recriaram.